Vilanova e António Conselheiro

Pe. AZARIAS SOBREIRA

Quem leu os "Sertões", de Euclides da Cunha, tomou conhecimento de um vigoroso cabo de guerra jagunço, António Vilanova. O que Euclides não disse, e que mais nos pode interessar, vou eu tentar dizê-lo aqui.

Aliás, tudo o que sei sobre o bravo guerrilheiro e que ainda pode passar à história do Ceará, recebi-o do padre Emílio Leite Cabral, cujo escrúpulo afasta, por si só, todo risco de inexactidão nos dados em perspectiva.

Quando, em 1916, o citado sacerdote, decorridos largos anos de profícuo magistério, fixou residência em Assaré, alí encontrou, recolhido à vida laboriosa de agricultor independente, numa fazenda próxima, o famoso chefete de Canudos, linhas acima nomeado. Seguramente persuadido da identidade do assareense em apreço com o indivíduo que tanto dera que falar ao Brasil nos primeiros anos da República, foi ouví-lo no seu próprio "habitat" e entre os de sua numerosa parentela, como ele nascida e criada naquele município cearense.

Eis o que consegui saber e de viva voz me comunicou o padre Emílio Cabral :

Nascido em Assaré e ali casado, António Vilanova deliberou, ainda bem moço, emigrar para o interior da Baía, no que foi acompanhado pela esposa e por um seu irmão, Honório. Uma vez chegado ao destino, estabeleceu-se com pequeno negócio numa das cidades vizinhas do então florescente arraial de Canudos. Cedo a sorte o favoreceu, dando-lhe larga freguesia e lucros satisfatórios. Foi então que começaram a aparecer-lhe fanáticos do Conselheiro, que lhe faziam acaloradas descrições da nova povoação, efectuavam compras avultadas e insistiam com ele para ir estabelecer-se por lá. Seduzido pela esperança de fortuna e certo de cordial acolhimento, mesmo pela circunstância de ser também cearense o novo ídolo das massas, acabou instalando-se definitivamente no arraial febricitante, onde se edi-

ficavam casas todos os dias do ano e onde o comércio era deveras promissor.

Com o desenrolar do tempo, transformou-se Canudos em praça de guerra e, como sua ascendência sobre os jagunços já se fizera sentir de modo insofismável, sobre ele, bem a seu pesar, recaiu o voto dos principais, no sentido de assumir o comando de determinado setor das operações militares, além de uma espécie de juizado de paz na cidadela revoltosa.

Passaram-se, entretanto, os irisados tempos de espetaculares vitórias dos insurrectos e sucederam-lhes os dias arroxeados de fatal decadência em que, pouco a pouco, se foi eclipsando a estrela polar do Conselheiro e da revolução por ele chefiada. Já a maioria dos edifícios de Canudos havia sido arrasada. O cerco levado a efeito pelas forças legais assumia carácter sempre mais terrífico, enquanto a fome e a sede completavam os horrores sofridos pelos indómitos guerrilheiros, bem dignos de outro ideal.

Quando, ao atravessar o arraial para a igreja nova, recebeu o Conselheiro o balaço que o pôs de cama e depois o matou, aos olhos dos que ainda podiam enxergar claro, morreu a derradeira esperança.

A' vista do tremendo dilema — fugir ou esperar pelo próximo extermínio — Vilanova optou pela primeira alternativa.

Antes, porém, fiel às suas tradições de lealdade, foi entender-se com o endeusado moribundo. Fez-lhe ver o esgotamento geral. Alegou os serviços prestados à revolução, só para não desmerecer da confiança nele depositada, sem o menor ardor messiânico dos outros.

Invocou o triste estado da família, morrendo positivamente de fome, sendo ainda de notar que Honório, ferido e inválido, exigia especiais cuidados. Feita a exposição, pediu-lhe licença para ir embora. Partiria à meia noite, quando todos estivessem adormecidos. Atravessariam a zona perigosa pelo leito do rio que banhava a cidade; e, se a sorte lhes fosse favorável, voltariam ao Ceará para nunca mais se arriscarem por terras estranhas...

— *Faça sua viagem,* concedeu àvaramente o Conselheiro, cuja voz, de tão alquebrado, já parecia sair da eternidade.

* * *

Depois de haver montado o ferido em um jumento, partiram os fugitivos, pisando de mansinho e contendo a própria respiração, receosos de ser descobertos pelos soldados do governo, que então já ocupavam a margem oposta do rio. Não era pequeno o risco de ali mesmo serem abatidos, como rezes no bebedouro.

Vários dias intermináveis viajaram assim, na expectativa de um encontro funesto, caatinga a dentro, pelo leito dos córregos ou pelas veredas de gado. Quando se viram fóra da zona suspeita e alcançaram solo pernambucano, tinham as roupas em farrapos e os pés em carne viva.

* * *

Chegado a Assaré recolheu-se António Vilanova à propriedade onde viviam os seus parentes e, apagado do mundo, ali ficou até 1913. A esse tempo foi bater-lhe à porta um emissário de Floro Bartolomeu levando carta do Padre Cícero que urgente o chamava até Juazeiro. Achava-se esta cidade em véspera de proclamar a inconfidência que apeou o governo Franco Rabelo e dali se alastrou por todo o Estado.

Queria-o o caudilho baiano para cabecilha dos sertanejos inexperientes que iam entrar em luta, como tambem para dirigir o serviço de defesa em que Canudos tanto se havia distinguido.

António Vilanova foi irredutível. Nunca mais empunharia arma contra o governo, fosse onde fosse. O que fez foi dar, a instantes pedidos, algumas noções práticas do sistema de valados que logo circundaram a cidadela rebelada e que admiràvelmente a guarneceram naquele instante decisivo da história do Ceará.

Cumprida semelhante missão, regressou ao torrão natal, incógnito como de lá tinha saído, para nunca mais dar por fóra o ar de sua graça. Era, todavia, um homem leal, bravo, circunspecto e diligente, à altura, portanto, de uma grande responsabilidade.

"Por uma fatalidade, dessas que descem de além", a revolução de Juaseiro, ainda desta vez, teve com a de Canudos, um traço explícito de parentesco e camaradagem.